

Pausânias e o Amor Retórico

Felipe Gustavo Soares da Silva

Professor da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda

<https://orcid.org/0000-0002-8497-6101>
felipegustavopx@hotmail.com

Recebido: 30 de abril de 2020
Aprovado: 30 de junho de 2020

DOI: <https://doi.org/10.47661/aicl.v14i27.34357>



ARTIGO

SILVA, Felipe Gustavo Soares da, Pausânias e o amor retórico. *Anais de Filosofia Clássica* 27, 2020, p. 297-322

ABSTRACT: The present work deals with analysing the discourse on love (Ἔρως) given by Pausanias, in the Plato Symposium. Based on the assumption that the character is linked to the group of sophists of that time, our goal is to identify Eros in his praise of Pródico, Protagoras, Lysias and Alcidas' main thesis.

KEY-WORDS: Eros; Sophists; Rhetoric.

RESUMO: O presente trabalho trata de analisar o discurso sobre o amor (Ἔρως) proferido por Pausânias, no Simpósio de Platão. Partindo do pressuposto de que a personagem é ligada ao grupo dos sofistas daquela época, nosso objetivo é identificar em seu elogio a Eros as influências das principais teses de Pródico, Protágoras, Lisias e Alcidas.

PALAVRAS-CHAVE: Eros, Sofistas; Retórica.

Introdução

O cenário que este artigo pretende analisar é lido numa das mais conhecidas e importantes obras de Platão, o *Simpósio*, também traduzido como *O Banquete*¹ por narrar um banquete festivo realizado na casa do poeta Agatão, onde autoridades gregas decidem discursar sobre um tema específico, *Erōs*. O banquete, enquanto instituição histórica tal qual testemunhado por Platão, era um ritual cultural e pedagógico da elite social na Atenas clássica, regado a vinho, ritmado pela música e orientado pelos discursos em torno de um tema específico. Orgias e encontros amorosos também faziam parte daquele ambiente. No caso do *Simpósio* narrado por Platão, está inserido, portanto, num contexto cultural bastante rico e marcado pela ilustre presença de diversos personagens históricos, tal qual era o costume da época: médicos, poetas, sofistas, filósofos, enfim, é um local onde homens eruditos vivenciavam a pederastia e faziam competições de discursos sobre os mais diversos temas.

A estrutura do *Simpósio* de Platão é montada em sete discursos (Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão, Sócrates e Alcibíades) precedidos de um prólogo que apresenta o contexto da cena de narração e recordação do diálogo. A maioria dos estudos sobre o *Simpósio* dá ênfase ao discurso de Sócrates; as demais falas são vistas apenas como apoio, como meio, para chegar-se dialeticamente à fala do filósofo e assim, à tese principal do diálogo. Todavia, apesar da centralidade deste penúltimo discurso, se analisado em sua completude, o *Simpósio* pode apresentar também diversos outros elementos pertinentes para o estudo em Filosofia antiga. Algumas das tradições do mundo antigo são trazidas de maneira bastante elaborada por Platão para a cena do seu banquete,

¹ Nunes, 2011.

seja para criticar, seja para satirizar, seja para evidenciar os modos diversos de pensamento em torno de Eros. Desta forma, estudar um dos discursos do *Simpósio* é na verdade estudar e compreender um pouco mais a Tradição que ele representa dentro do cenário da Filosofia antiga. Por isso, não se pode desprezar as falas das personagens que precedem Sócrates, pois, cada uma delas traz elementos importantes para o estudo da Filosofia antiga. Poderíamos dizer que o *Simpósio* é uma espécie de manual que reúne diversos elementos úteis ao estudo do cenário da Filosofia antiga, como é o caso da personagem que ora pretendemos analisar, Pausânias, que nos traz uma possibilidade de estudo das teses dos sofistas.

Com mais ênfase do que em outras obras platônicas, apenas contextualizando a condição social e o “status” de cada personagem é que se pode entender, não apenas o conteúdo de sua fala²mas também o porquê da construção de tal estrutura argumentativa. O discurso do homem grego não é distante do seu agir e isso fundamenta um jogo dialético de discursos que está bastante situado em situações humanas vividas e experienciadas.³ O discurso é, portanto, atrelado ao perfil de quem o faz. Cada personagem encara um ponto de vista o que proporciona uma disputa de argumentos, própria de um banquete grego, em prol de um *logos* que irá revelar uma série de gêneros discursivos, a depender da habilidade argumentativa, da Retórica e da “profissão” de cada uma das personagens.

Nesse contexto de falas, a personagem Pausânias⁴ é a segunda a

² Uma excelente ferramenta para entendimento das personagens presentes nos diálogos de Platão é o estudo seguinte: NAILS, Debra. *The people of Plato: a prosopography of Plato and other Socratics*. Hackett Publishing, 2002. Nesta obra, encontramos um detalhado exame das personagens bem como de seus referenciais históricos conforme aparecem nos diálogos platônicos.

³ Platão nos mostra a força de um problema, se bem proposto, a ser investigado. São várias posturas, vários olhares, vários esforços para dizer algo sobre Eros. Essa diversidade de discursos em torno de um mesmo problema constitui a essência do *Simpósio* enquanto inserido numa cena ritualística de um banquete: todos os presentes tem algo a dizer, sendo assim, encontramos um manual de teses reunidas analisando o mesmo problema.

⁴ Pausânias é conhecido como amante de Agatão, assim descrito no *Protágoras* (315e). Ver SCHIAPPA, Edward. *Protágoras and logos: A study in Greek philosophy and rhetoric*. Univ of South Carolina Press, 2013. Do mesmo modo, no *Simpósio*, aparece como uma espécie de advogado em prol do amor masculino, conforme veremos no exame de seu discurso.

discursar.⁵ O estudo desse discurso pode nos proporcionar um olhar sobre a influência da Retórica naquela época. Neste trabalho, iremos situar a fala desse renomado orador do mundo grego e tentar demonstrar quais as influências que ele provavelmente sofreu e que estão consequentemente presentes em sua fala. A tese que tentamos demonstrar é que a fala de Pausânias é fruto de uma construção argumentativa pautada em teses (ou jogos de palavras) sofistas de Protágoras, Pródico, Lisias e Alcídamente, o que nos leva a pensar que o discurso dessa personagem é então uma oportunidade de examinar as teses retóricas do movimento sofista e, dentro das disputas argumentativas do *Simpósio*, representa a utilidade persuasiva da Retórica em um dos mais belos e importantes textos da antiguidade grega.

Discurso de Pausânias: contexto

Pausânias é a segunda personagem a fazer o louvor a Eros no *Simpósio*. Seu nome, segundo Schüler é derivado do prefixo παύω (cessar)⁶ e do vocábulo ἄνεια (dor, dificuldade, aflição),⁷ isto é, aquele que afasta as dificuldades, que faz cessar a dor.⁸ Uma ótima definição, considerando a metodologia de seu discurso, para falarmos um sofista. No *Simpósio* sua fala se dá logo após a de Fedro. No *corpus* platônico Pausânias aparece não apenas no *Simpósio* mas também no *Protágoras*⁹, e é identificado como natural da cidade de Cerames e como amante de Agatão.

Segundo Untersteiner¹⁰, Pausânias é discípulo direto de Pródico

⁵ *Symp.* 180c-185c

⁶ O verbo 'cessar' no grego é παύομαι.

⁷ FRANCALANCI, 2005. p.61.

⁸ SCHÜLER, 2009. p.148.

⁹ *Prot.* 315d.

¹⁰ UNTERSTEINER, 2012.

de Ceos, famoso professor entre os sofistas. Pausânias é considerado por Nails¹¹ e Trabattoni¹² uma espécie de advogado da época e membro da escola dos sofistas. Lacan,¹³ em sua leitura psicanalítica do *Simpósio*, defende que Pausânias era uma espécie de observador de sociedade. Corrigan¹⁴, considera Pausânias como uma espécie de sociólogo. Tais atribuições se devem pelo fato de Pausânias sempre recorrer em sua argumentação às práticas e leis (Νόμος) de Atenas e cidades vizinhas. Ademais, seu discurso é uma tentativa de justificação de uma prática social, a pederastia, à qual ele tentará mostrar como é nobre, devida e útil à cidade. Ainda um outro motivo para tais atribuições à Pausânias é a tendência da personagem, com seu discurso, em atender um objetivo que era muito comum aos sofistas: a organização do Estado. Quando Pausânias faz seu discurso sobre *Erōs*, não o faz de maneira despretensiosa nem apenas ilustrativa, mas trata de propor um ordenamento moral para os jovens e para os educadores, levando em consideração a questão da pederastia, tal qual estava em vigor em Atenas.

Antes de iniciarmos a análise do discurso, é pertinente dizer algumas palavras para contextualizar o grupo ou movimento que Pausânias representa no *Simpósio*: os sofistas.¹⁵ Para eles, a Filosofia, fundamentalmente, devia estar ligada à ética e à política: esses elementos irão compor os argumentos de Pausânias durante sua fala sobre *Erōs*. Os sofistas eram um grupo de pensadores da Grécia antiga que percorriam as cidades gregas ensinando Retórica e outras artes em troca de um valor financeiro. O momento histórico dos sofistas é precisamente o momento

¹¹ NAILS, 2002.

¹² TRABATTONI, 2003.

¹³ LACAN, 1992.

¹⁴ CORRIGAN; GLAZOV-CORRIGAN, 2005.

¹⁵ Veja-se sobre os sofistas os seguintes trabalhos: CASSIN, B. *O efeito sofístico*: sofística, filosofia, retórica, literatura. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira; Maria Cristina Franco Ferraz; Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005. KERFERD, G. B. *O movimento sofista*. Tradução: Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

em que a filosofia da *physis* havia progressivamente esgotado suas possibilidades e os jovens ansiavam por uma palavra nova. Essa novidade dos sofistas explica a razão de seu sucesso perante os jovens que não estavam mais satisfeitos com os valores tradicionais que as antigas gerações lhe propunham. O discurso de Pausânias representa um direcionamento educativo do amor, nos moldes sofistas, para a juventude ateniense. Mesmo situando-se num dado momento de progressivo abandono do mito e busca pela explicação racional dos fenômenos, os sofistas eram contestados por ensinarem não a verdade, mas o convencimento, pela boa argumentação. Dentre os mais famosos sofistas encontramos Protágoras e Górgias, que, como outros, também aparecem como personagens nos diálogos de Platão.

Para fim de análise do discurso de Pausânias no *Simpósio*, tratamos de dividir os momentos de sua fala de maneira que o argumento possa ser interpretado à luz de uma referência ou uma tese dos sofistas. Basicamente, encontramos na fala de Pausânias teses atribuídas a Pródico, Protágoras, Lisias e Alcidas. Vejamos em linhas gerais como essas teses aparecem influenciando o conteúdo da fala de Pausânias.

Mas qual o fundamento da abordagem de Pausânias? Que método ele utiliza para fazer seu discurso se sobrepor ao de Fedro? É inegável que a fala de Pausânias é bem elaborada e típica de um orador de classe, o que nos leva a investigar, sabendo de sua ligação com os sofistas, se há desde já alguma influência da metodologia ou das teses destes pensadores.

Distinção sutil entre as palavras e antilogia

O grande erro de Fedro, aponta Pausânias, consiste em abordar *Erōs* como se fosse um só: a duplicidade de *Erōs*, é a novidade de Pausânias que conduz sua tentativa de correção (ἐπανορθώσασθαι) do discurso de Fedro. É como se Pausânias apontasse um erro de formulação

da questão, visto Fedro conceber e louvar *Erōs* sem fazer nenhum tipo de distinção. Veja-se o interesse em destrinchar a questão do ponto de vista da exatidão da palavra e do seu sentido, o que possibilitaria segundo Pausânias, a correção da fala de seu antecessor. Afirma Pausânias: “(...)vou tentar corrigir essa falha, com determinar, primeiro, qual dos *Erōs* teremos de enaltecer, para depois compor um discurso digno dessa divindade.”¹⁶

Para cumprir o que prometera, recorre a um argumento onde evoca o conhecimento popular para apoiar a sua tese: “Como todo mundo sabe, não há Afrodite sem Eros”.¹⁷ Parece-nos sugestivo de interpretação o *apelo ao público*, configurando assim uma espécie de argumento falacioso afim de dar ênfase a sua fala. A desqualificação do discurso¹⁸ de Fedro, no início da fala de Pausânias, passa pela sua exposição dele como um tal mitólogo que desconhece algo tão básico como a natureza de *Erōs* e Afrodite. Todavia, a duplicidade de *Erōs* é o que ele pretende determinar.¹⁹

Podemos encontrar dois sinais importantes que sugerem uma influência marcante das teses sofistas no início na fala de Pausânias: a distinção sutil das palavras e a antilogia, teses que se referem à duplicidade do sentido das palavras e que aparecem exatamente a partir da concepção da duplicidade de Eros-Afrodite.

Essa característica de duplicidade em torno da palavra, já é sinal da presença de teses sofistas na fala de Pausânias e será o fundamento para a defesa de um amor superior, louvável e digno, em contrapartida, servirá também para rebaixar uma espécie de amor inferior, reprovável e indigno, e com ele uma série de atitudes. Com essa distinção Pausânias

¹⁶ *Symp.* 180d.

¹⁷ *Symp.* 180d.

¹⁸ Atitude típica do sofista num diálogo.

¹⁹ Característica típica do orador era definir no começo de sua fala, o objeto e finalidade da definição, com o intuito de dirigir a atenção do público para sua fala, criando expectativa pela “objetividade” com que propõe falar.

critica a abordagem de Fedro desqualificando seu discurso apresentando e fazendo prevalecer seu ponto de vista pela distinção entre um *Erōs* digno de louvor e que seja moralmente aceito dentro da sociedade e um *Erōs* reprovável. Ser aceito é uma condição que muito importa para um sofista e sendo assim, falar o que as pessoas querem ouvir torna-se uma porta aberta para aceitação e promoção da figura do orador. Não é de se estranhar que Pausânias tivesse objetivo semelhante.

Em relação às duas teses sofistas que permeiam já o início do diálogo, primeiramente, a distinção sutil entre as palavras, marca o eixo central da fala de Pausânias e é evidenciada na apresentação categórica dos dois *Erōs* e das duas Afrodites. É importante destacar que a assimetria das coisas, noutras palavras, a duplicidade em torno dos conceitos, marcará toda a fala de Pausânias não apenas em seu início. Ao afirmar que é necessário indicar qual *Erōs* é digno de encômios²⁰, ele trata de indicar os sentidos diferentes das palavras e falar sobre a mesma questão (*Erōs* -Afrodite) com concepções opostas. Essa distinção é portadora de um *logos* e de uma novidade que coloca Pausânias numa posição de conhecedor das palavras e das suas relações com o objeto a qual ela define, uma espécie de “etimólogo”, característica que ele mesmo aponta faltar na fala de Fedro. Segundo ele, são duas Afrodites (Αφροδίτη) Urânia (Οὐράνια) e Pandêmia (Πάνδημος), e dois *Erōs* (Ἔρως), por consequência, um superior, celeste (οὐράνιος) e um vulgar (πάνδημος). Apesar de fazer uma crítica a Fedro em relação ao modo de interpretar *Erōs*, Pausânias acabar por beber, de início na mesma fonte, a mitologia. Dessa vez, ele recorre a uma ligação entre Eros e Afrodite, a partir das contradições²¹ entre Homero e Hesíodo no tocante a esse

²⁰ *Symp.* 180c.

²¹ SCHÜLER, 2001, p.40

ponto: na versão de Hesíodo, Afrodite é filha de Urano²², em Homero, foi então gerada por Zeus e Dione, chegando à ilha de Citara junto com *Erōs* (amor) e Himero (desejo),²³ seus auxiliares. Visto essa dupla narrativa da genealogia de Afrodite e visto sua ligação a Eros, Pausânias conclui que não existe apenas uma Afrodite, mas duas e aderindo às versões mais recentes do mito que subordinam *Erōs* à deusa como filho ou auxiliar, ²⁴concebe a existência de uma Afrodite celeste e uma terrestre, Urânia e Pandêmia²⁵respectivamente, e como *Erōs* aparece a ela atrelado na poesia e nos mitos, Pausânias deduz que também existem dois *Erōs*, dois tipos de amor, um celeste e um terrestre: essa divisão será fundamental para entendimento da visão de Pausânias em relação às práticas amorosas e na fala dele será decisivo para justificar o próprio discurso.

Veja-se que Pausânias qualifica as Afrodites e os *Erōs* com os mesmos adjetivos, tratando apenas de mudar o gênero: Οὐρανία - οὐράνιος e Πάνδημος - πάνδημος. Urânio, por sua vez pode ser traduzido no contexto como enquanto pertencente ao céu, celeste, pandêmio enquanto pertencente ao público, que percorre todos os povos.²⁶ Essa distinção revelará uma característica do orador que muito era apreciada pelo sofista Pródico, a saber, o poder persuasivo da palavra,

22 “ (...) assim que os genitais foram cortados com a dura pedra, Cronos os lançou da terra firme sobre o Pontos agitado pelas ondas, onde por muito tempo flutuaram sobre a superfície das águas. Uma espuma branca despreendeu-se da carne imortal, envolvendo-a completamente. E dessa espuma criou-se uma virgem, Primeiro, ela se aproximou da sagrada Citera, e de lá seguiu para Chipre, que é cercada pelas ondas do mar. Ali pisou a terra uma deusa bela e sensual. A cada um de seus passos a relva crescia sob os formosos pés, e deuses e homens chamaram-na Afrodite, pois surgiu dentre a espuma. Por ter se aproximado de Citera, ela é Citereia de bela coroa. Também é Cipro-gênea, porque nasceu no agitado mar de Chipre, e, ainda, Filomedeia, por ter sido criada do sêmen dos genitais. ” (HESÍODO,188-200.) trad. Sueli Maria de Regino, 2010.

23 BOLEN, 1990. p.322.

24 SCHULLER p. 41.

25 *Symp.* 180d.

26 Veremos a argumentação de Pausânias sobre as formas de amor em algumas cidades. Possa ser que ele relate as formas de amor, sobretudo, os amores πάνδημος, que percorriam as mais diversas cidades. Neste caso, o amor vulgar se aplica ao que é comum à vários povos.

²⁷que era medido pela capacidade do orador em, de fato, conhecer os diversos sentidos das palavras e demonstrá-los em seu discurso.

A distinção dos sentidos das palavras caracteriza a estilística da retórica de Pródico (460-365 a.C.), conforme atesta Brochard.²⁸ Pródico, nativo de Céos teve grande sucesso lecionando em Atenas, exercendo influência, segundo Reale²⁹, até mesmo na metodologia socrática. Pródico foi um grande professor de Retórica e seu interesse era, prioritariamente, o estudo das palavras para sua correta utilização e, para isso, utilizava-se sobretudo do emprego da sinonímia, que consiste em fazer relação entre dois vocábulos que tem significação própria. O estudo apurado das palavras e a distinção sutil entre elas era a especialidade desse orador, chamado por Platão, no diálogo *Protágoras*³⁰, de Tântalo,³¹ fazendo menção ao seu tormento de encontrar a expressão exata.

A distinção entre as palavras pode ser examinada também desde o ponto de vista das antilogias, característica da retórica de um outro sofista, Protágoras (490 a.C. - 415 a.C.) Segundo esse método, em torno de cada coisa existe a possibilidade de dizer e contradizer. O conhecimento deste método demonstrava a capacidade do orador em operar com aspectos que se contradizem em torno de um mesmo objeto afim de refinar o discurso. Protágoras defendia que um *lógos* podia sempre ser contestado por um *lógos* contrário. A educação dos jovens

²⁷ DARDÓN, 2012. p.936. O tema do poder da palavra também é caro ao sofista Górgias que parte de um niilismo que coloca a palavra como soberana e portadora de capacidade de persuasão e explicação do mundo.

²⁸ BROCHARD, Victor. "Sobre el Banquete de Platón." in: *Estudios sobre Sócrates y Platón*. Buenos Aires. 1940. Este autor chega a considerar que a distinção feita por Pausânias entre as duas Afrodites é na verdade uma realização de Pródico, que Pausânias apenas representa. A tese sofista estava, na verdade, sendo exposta.

²⁹ REALE; ANTISERI, 1990. p.80.

³⁰ *Prot.* 315d.

³¹ O nome Tântalo aparece na poesia de Homero no Canto XI da *Odisseia* nos versos 582-592. Na mitologia Tântalo era filho de Zeus e da princesa Plota. É conhecido por roubar o manjar dos deuses e ter sido punido em não conseguir saciar sua fome e sede. Atribui-se à expressão suplicio de Tântalo algo que apesar de próximo não pode ser realizado. Platão, certamente, no *Protágoras* (315d) refere-se a Pródico como um certo Tântalo por reconhecer nele uma busca incessante por buscar o sentido exato das palavras. Pausânias parece estar na mesma linha investigativa de Pródico ao buscar o sentido exato de Eros e Afrodite e apresenta-lo no banquete.

deveria incluir a capacidade de argumentar e contra argumentar, visto que os debates públicos eram cenários de apresentação de teses diversas e opostas. Um modo de demonstrar conhecimento era saber olhar para as diversas possibilidades do sentido de uma palavra. A “virtude” ensinada por Protágoras era exatamente a de fornecer aos alunos a habilidade para saber fazer prevalecer um ponto de vista sobre a opinião oposta, partindo sempre do pressuposto que sobre algo há sempre duas interpretações sugestíveis e defensáveis. O domínio dessa técnica representava uma enorme vantagem para o orador, por isso, Protágoras ensinava com essa técnica o modo pelo qual se podia construir uma forte e bem articulada argumentação. O exemplo clássico da presença das antilogias é também a cisão de *Erōs* - Afrodite, e o entendimento dessa cisão é o principal elemento caracterizador da fala de Pausânias, ou seja, todas as suas conclusões são fundadas ou derivadas da dupla existência de *Erōs*, toda base argumentativa deriva da demonstração de sua habilidade antitética, conforme era chamada a arte de encontrar os sentidos diversos das palavras, ensinada por Protágoras.

É interessante destacar, que o discurso de Pausânias é fortemente marcado por uma espécie de jogo entre certo-errado, antigo e novo, digno e não digno, ou seja, o olhar para as coisas a partir da duplicidade de significados que capa palavra pode exprimir é o que possibilita a Pausânias um certo diferencial (em relação ao seu predecessor na fala, Fedro) com o qual ele constrói o seu discurso. Esse modo de encarar as coisas segundo uma duplicidade representa muito bem a aplicação do método da antilogia de Protágoras. Pausânias parece representar perfeitamente a assimilação dessa técnica construindo seu discurso em torno de uma duplicidade das palavras. Essa estratégia é o meio pelo qual ele pretende convencer que de fato, está pessoalmente definindo e dirigindo-se adequadamente para *Erōs* e fazendo um encômio correto, justo e aceitável pela maioria, além disso, crê ele, com sua estratégia metodológica, apresentar o sentido correto do louvor a *Erōs*.

Relativização das coisas

Atravessando o discurso em torno da dupla existência de Afrodite – *Erōs*, Pausânias trata de apresentar também a tese da relativização das coisas para justificar a necessidade da divisão de *Erōs* em dois, e reforçar sua crítica a Fedro, que concebera *Erōs* como único.

Com qualquer ato dá-se o seguinte: em sua realização, nenhum, em si mesmo, é belo ou censurável; tudo o que fazemos neste momento: beber, cantar, conversar, nada, em si mesmo, é belo; da maneira por que é feito é que dependerá ser isso; se a ação for executada com beleza e retidão, será bela; se não houver retidão, será feia. É o que se dá com Eros e o ato de amar: nem todo amor é belo e merecedor de encômios, mas apenas o que se alia à nobreza.³²

Não havendo, segundo Pausânias, uma fundamentação ética da realidade, todo o julgamento deve ser feito levando em consideração o fim de determinada ação. A tese da relativização dos valores onde, *nada é bom em si mesmo mas a depender do modo que é feito* sugere uma referência que pode advir das teses de Protágoras de Abdera, do qual já falamos, e agora apresentamos mais uma tese que lhe é atribuída. Este renomado sofista, bastante conhecido como aquele que lançou as raízes do relativismo na antiguidade, defende a tese do *homem mensura*, “o homem é a medida de todas as coisas”. Segundo Reale, “por medida, Protágoras entendia a norma de juízo, enquanto por todas as coisas, entendia todos os fatos e todas as experiências em geral. (...) o celebre axioma é quase considerado a magna carta do relativismo ocidental.³³ A relativização das coisas é um ponto importante para falarmos da presença sofista na fala de Pausânias. Essa tese, de fato, nos moldes sofistas, põe em evidência que o conhecimento não pode ser universal e necessário. O conhecimento é relativo a homem individual de acordo com as peculiaridades intelectuais distintas e de acordo com a sociedade em que

³² *Symp.* 181a Trad.: Nunes, 2011.

³³ REALE, p. 76

vive. Desse modo, o valor das coisas é variável. No diálogo platônico *Teeteto*, encontramos uma referência a essa tese, interpretada como a *apologia de Protágoras*:

Tudo o que em qualquer Estado é considerado como justo e honroso, é justo e honroso nesse Estado e enquanto essa convenção for mantida. Mas o homem sábio substitui toda convenção perniciosa por uma sadia, fazendo esta tanto ser quanto parecer justa.³⁴

Segundo a tese da relativização, não existe o verdadeiro e o falso, o critério é a conveniência, e a instância capaz de definir as coisas é o homem enquanto ser social, enquanto ser da sociedade. Pausânias traz para seu discurso no *Simpósio* a tese de Protágoras e estabelece o mesmo critério afim de determinar uma espécie de ética para o amor que em muito conduz com a proposta sofista.

A partir disso, ele irá argumentar em prol dos costumes e das leis para assegurar sua tese. Pausânias defende que não há, como dissemos, um elemento para fundamentação ética da realidade, mas os julgamentos sobre algo ser bom ou ruim deve levar em consideração o fim ao qual se propõe. Feito isso, Pausânias trata de aplicar a distinção entre as Afrodites aos tipos de amor às questões das leis. A tentativa é clara de chamar atenção para a convivência social: vejamos o argumento

O amor oriundo da Afrodite Pandêmia é, de fato, vulgar, e se afirma sem discrimine, sendo esse o que apreciam os indivíduos de baixa extração. Para começar, tanto gostam de mulheres como de rapazes; ao depois, revelam mais amor ao corpo do que à alma, e de maneira mais estulta possível, pois só visam à realização do ato, sem pensarem sequer na maneira bela nem feia de consegui-lo. O resultado é pegarem o que a sorte lhes põe ao alcance da mão, tanto podendo ser bom como o contrário disso. É que a Afrodite de que esse Eros provém é muito mais nova do que a outra, e do seu nascimento participaram os dois sexos, masculino e feminino. Totalmente diferente é o amor que acompanha a Afrodite Urânia, que não participa do sexo feminino, mas do masculino, apenas, o que explica sua inclinação para moços, Ademais,

³⁴ PLATÃO. *Teeteto*. Trad. Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 2008. (*Theait.* 167c)

por ser mais velha a deusa, está livre de arroubamentos, Daí voltarem-se para o sexo masculino os indivíduos inspirados por essa divindade, por se comprazerem com o gênero mais forte por natureza e mais inteligente.³⁵

Essa tese também é vista como uma defesa da pederastia ateniense, da qual o próprio Pausânias participa como amante de Agatão. O critério que pode levar a um amor ser bom ou não é a finalidade para a qual ele se dirige, visto que nada é bom ou ruim em si mesmo. Portanto, ele irá tratar de demonstrar a diferença entre os amores oriundos das duas Afrodites mostrando a finalidade para a qual cada um dos amores se dirige.

O amor oriundo da Afrodite Pandêmia é considerado vulgar, pois tem como objeto ou finalidade o gosto tanto por mulheres quanto por rapazes, demonstrando, segundo o orador, um certo amor mais ao corpo que à alma.³⁶ “É que a Afrodite de que esse Eros provém é muito mais nova do que a outra, e do seu nascimento participaram os dois sexos, masculino e feminino.”³⁷

Por sua vez o amor oriundo da Afrodite Urânia não participa do sexo feminino, mas só do masculino e dirige-se apenas para ele.

Daí voltarem-se para o masculino os indivíduos inspirados por essa divindade, por se comprazerem com o gênero mais forte por natureza e mais inteligente. Aliás, é muito fácil reconhecer nas relações entre os jovens os que em toda a sua pureza são levados por esse amor: não se afeiçoam a nenhum rapaz senão depois que este revela discernimento, isto é, só na idade em que aponta o buço.³⁸

Pausânias evoca, como fruto de um amor Urânio, as regras da

³⁵ *Symp.* 181b-d Trad.: Nunes, 2011, grifos nossos: veja-se a distinção entre os direcionamentos de um e de outro tipo de amor.

³⁶ *Symp.* 181b.

³⁷ *Symp.* 181b.

³⁸ *Symp.* 181c-d Trad.: Nunes, 2011.

pederastia ateniense, como maneira de corroborar a superioridade dessa forma de amar em detrimento daquela outra. Nas entrelinhas, a defesa do amor superior o define como aquele que é menos atrelado ao corpo e mais dirigido ao intelecto.

A associação do amor urânio à pederastia representa um recurso aos elementos que ele observa e participa na sociedade ateniense. Ao mesmo tempo, mostra-se interessado que essa forma de amor pederástico seja de fato enobrecido e reconhecido, fazendo apelo à própria legislação da cidade em prol de que haja uma lei que proíba o amor dirigido para crianças abaixo da idade estabelecida para as iniciações. Outro elemento importante dentro dessa fala é que ele defende que, os amantes que se submeterem às leis da pederastia não merecem ser censurados³⁹, justamente, por se orientarem para um fim mais nobre que aqueles amantes a quem chama de vulgar, por dirigirem seu amor tanto para homens quanto para mulheres.

A defesa da pederastia feita por Pausânias é uma defesa de si mesmo como membro e erasta⁴⁰ e mais uma vez reforça a tese da conveniência: Pausânias não apenas coloca a pederastia naqueles moldes em que ele está inserido como o correto e devido, mas também atribui para si o modelo convenientemente adequado de compreensão da dupla natureza do amor e de sua prática. Por isso, reforça que os que cogitam amar segundo a inspiração da Afrodite urânica tem a pretensão de levar esse amor para a vida toda.⁴¹ A sua argumentação tem como finalidade apresentar a superioridade do amor viril sobre a espécie de amor ao feminino. O discurso de Pausânias, em relação à pederastia pode ainda ser interpretado como

(...) negação do feminino, que se revela nesta duplicidade do Eros e é também a negação da sensualidade, do descontrole, a paixão

³⁹ *Symp.* 182^a.

⁴⁰ Erasta: amante (de jovens) no processo pederástico. Possuía um papel ativo na relação, com a tarefa de cortejar, conquistar e educar o jovem.

⁴¹ *Symp.* 181d.

propriamente feminina do amor, a tudo que vincula a Dionísio com as mulheres e que se ausenta deste erotismo. (...) O feminino é, de certa forma, por sua natureza, um desafio a essas regulações que sancionam a quietude, e a seriedade do amor celeste.⁴²

Toda essa relativização herdada de Protágoras, tem sentido quando dirigida para a polis, por isso cita as normas relativas ao amor em várias cidades⁴³ afim de enaltecer os costumes no qual está inserido.⁴⁴ A relativização defendida por Pausânias será um modo de promover a prática da pederastia e se auto afirmar na mesma. Visto que as coisas não são nem boas nem más, porém, dependem da finalidade à qual elas se dirigem, a finalidade da pederastia é um processo de um amor controlado, útil à polis, dirigido para a inteligência e, por esses motivos, superior ao feminino, que por sua vez é descontrolado, inferior, e tem como objetivo puramente a satisfação do desejo, sem nada de intelectual. O amor inspirado pela Afrodite urânia é, portanto, mais nobre, superior e mais agradável aos fins públicos, sendo esse o posicionamento que Pausânias traz para justificar o seu discurso.

Apelo às Leis (Νόμος) das cidades

Depois de dividir os amores, de mostrar a superioridade de um sobre o outro e a conveniência do amor masculino para a polis, chega a hora de demonstrar como se dá essa eficácia. Um outro elemento a ser destacado na fala de Pausânias é a tese de que o amante deve conceder favores ao seu amado, desde que, como já foi dito acima, esse amor seja inspirado pela Afrodite urânia, ou seja, concernente às regras da pederastia, defendida por Pausânias. Dentro do relativismo proposto por nosso retórico, depois de expor várias tradições de algumas cidades sobre o fato de amar, ele destaca que

⁴²ROJAS, 2004. p.294.

⁴³*Symp.*182b.

⁴⁴*Symp.*182d.

(...) tanto os deuses como os homens concedem plena liberdade a quem ama, o que nossas leis confirmam. De tudo isso é lícito concluir ser considerado em nossa comunidade extremamente belo amar e ser condescendente com a pessoa amada.⁴⁵

Fica claro que, Pausânias recorre às leis e ao costume do local em que está inserido, tanto para justificar, como dissemos, sua prática como erasta, quanto para reforçar a validade e aceitabilidade de sua argumentação. É interessante destacar o conhecimento de Pausânias sobre a legislação em muitas regiões, esse teor argumentativo pode estar atrelado ao fato de Pausânias de fato, estar ligado à escola dos sofistas, e derivar seu conhecimento das leis de diversas regiões como fruto de uma característica elementar dos sofistas: o nomadismo. Era bem comum para aqueles mestres do ensino, deslocarem-se de cidade em cidade ensinando sua arte, apesar de receberem muitas críticas por desprezarem o apego à polis, que consistia num elemento bastante importante para o cidadão grego. Contrários a isso, consideravam-se cidadãos da Hélade. O nomadismo dos sofistas contribuía, portanto, para o conhecimento de culturas e normas de diversas cidades, e Pausânias parece representar muito bem esse conhecimento derivado do nomadismo sofista, ao fazer referências aos costumes e legislações de outras cidades como Élide, Lacedemônia, Beócia e Jônia.⁴⁶ Segundo Paviani, Pausânias

afirma a superioridade do *nómos* ateniense, que permite condenar o Eros indecente e incentiva o Eros belo. (...). É preciso que a lei marque os diferentes tipos de amor, pois Eros, de um lado, é contraditório, volátil, persuasivo, inconstante e, de outro lado, é fiel e delicado.⁴⁷

Apesar da clara influência do ‘hábito’ do nomadismo sofista, a tese central que Pausânias quer defender é de que é algo absolutamente

⁴⁵ *Symp.* 183c Trad.: Nunes, 2011.

⁴⁶ *Symp.* 182b-c.

⁴⁷ PAVIANI, 2015. p.48.

belo conceder favores ao amante em troca da virtude.⁴⁸ Essa tese em muito se parece com a do sofista Lísias, (459–380 a.C.), personagem presente no diálogo platônico *Fedro*.⁴⁹ No diálogo, a personagem Fedro tenta falar a Sócrates os principais argumentos da peça de Lísias sobre o amor.

Lísias, no *Fedro*, defende que os favores devem ser concedidos ao que não está apaixonado e não ao amante.⁵⁰ A proximidade das teses é bastante importante para nosso trabalho se levarmos em consideração que Pausânias apresenta uma tese semelhante à de um sofista. Como consequência do desenvolvimento da tese (sofista), vemos uma forte influência novamente da relativização das coisas. A conclusão que Pausânias chega depois de dividir e hierarquizar *Erōs* – Afrodite é que, em sendo nada bom (belo) em si mesmo, mas apenas de acordo com o fim para o qual se dirige, algumas situações que possam ser julgadas como incorretas, indignas, desprezíveis, são perfeitamente aceitáveis se direcionadas para um fim bom (belo). Noutras palavras, em nome do amor Urânio, é possível fazer tudo sem receio de repreensão. Tudo é bem visto se for feito com o fim de aperfeiçoar-se, ainda que incorra em decepção e engano.⁵¹

A peculiaridade de Lísias era ser conhecido como um grande mestre da escrita, um logógrafo (λογόγραφοι) que fazia seus textos (peças) em tons jurídicos para que fossem lidos em público. ⁵² É justamente uma de suas peças que chega às mãos de Fedro, personagem do diálogo que leva seu nome. O que está em jogo nesse caso, é a

⁴⁸ (...) De tudo isso é lícito concluir ser considerado em nossa comunidade extremamente belo amar e ser condescendente com a pessoa amada. *Symp* 183c.

⁴⁹ Interessante destacar que o *Fedro* costuma ser dividido em dois temas: a primeira parte, sobre o amor (Eros) e a segunda sobre a composição dos discursos. O que aqui nos interessa é que a primeira parte, ao trazer pela personagem Fedro uma perspectiva vinda de um dos mais conhecidos retóricos, nos serve para apontar uma possível proximidade entre Pausânias e Lísias.

⁵⁰ *Phaid*. 227c.

⁵¹ *Symp*. 184d-185c.

⁵² Isso será corroborado no *Fedro* de Platão. Fedro tenta reproduzir a peça sem lê-la, atitude que Sócrates não aceita e discorda; ver *Phaid*.288 a-d.

mesma relação de tutoria moral do amante em relação ao amado⁵³ e, nas relações descritas por Pausânias, são descritas situações diversas em relação aos modos de compreender as práticas amorosas.

O conteúdo jurídico que possivelmente estava presente nos escritos de Lísias, demonstravam uma espécie de habilidade em conhecer as leis e interpretá-las para um objetivo particular e de interesse de quem advoga, tornando-as passíveis de serem lidas em público, sem nenhum risco de constrangimento, mas com louvor. A fala de Pausânias, em trazer os costumes das cidades e das leis pode ser considerado uma apelação do mesmo tipo, de caráter jurídico e uma técnica tipicamente sofista.

O fato de o orador dominar bem esse tipo de conhecimento reforça e muito sua argumentação, trazendo para o cenário discursivo o apoio da própria jurisdição, tornando assim seu objetivo de convencimento um tanto mais difícil de ser refutado. Não temos fontes para afirmar que de fato Lísias tenha influenciado diretamente a argumentação de Pausânias nesse ponto, todavia, é útil que o conteúdo moral da fala de ambos é muito parecido, como se a tese de Lísias, um famoso retórico, tivesse sido posta por Platão na boca de Pausânias.⁵⁴

A arte de improvisar

Se tivéssemos de caracterizar um retórico na antiguidade, não poderíamos esquecer de atribuir-lhe o papel de bom improvisador. O final da fala de Pausânias reforça que ela foi realizada em tons de improviso.⁵⁵ O termo específico que aparece no grego é παραχρημα, traduzido também por “*imediato*”. É aquele discurso construído de pronto sem maior reflexão ou sem problemas. O improviso é um artifício

⁵³ DARDÓN, 2012.

⁵⁴ DARDÓN, 2012. p.935.

⁵⁵ *Symp.* 185c.

que revelava a capacidade técnica do orador em discursar sobre qualquer coisa e a qualquer momento, e, ainda mais, a obter sucesso no convencimento.

No caso de Pausânias, após expor um discurso que não é curto, mas um tanto alongado e sofisticado, ele conclui, como numa justificativa, que sua fala foi fruto de um improviso. Entre os sofistas, o improviso era uma habilidade que os mesmos defendiam como principal dentre as que eram ensinadas e aprendidas. De fato, para o objetivo do convencimento tal qual o sofista trabalhava, o improviso era como que uma “vantagem” do retórico sofista em relação aquele que buscasse refletir, medir e pesar a sua fala. Diante de qualquer assunto, o sofista falava e pronto. Não havia assunto estranho a ele e por isso ele conseguia posicionar-se sobre de qualquer assunto, ter sempre uma resposta pronta e discursos que acabavam convencendo pela precisão e imediatismo de sua construção pelo orador. Atribui-se a Alcidamante de Elea⁵⁶, discípulo de Górgias, a tese de que o orador deveria ter o poder de falar de improviso sobre qualquer assunto. Quando fala em relação aos próprios sofistas, Alcidamante destaca que

(...) convenhamos, falar de improviso sobre qualquer assunto que ocorra, utilizando rapidamente argumentos e palavras, com eloquência e no tempo oportuno das circunstâncias, e seguir com objetividade os desejos dos homens pronunciando o discurso convincente, não é próprio de toda a natureza e nem de qualquer formação.⁵⁷

Mais à frente, no mesmo texto, Alcidamante defende que o improviso é de fato, bastante importante para a vida do orador:

(...) quem não sabe que falar de improviso é necessário para aqueles que discursam em público na Assembleia, nos tribunais e nas reuniões

⁵⁶ Cf. ALCIDAMANTE DE ELEA. *Testimonios y Fragmentos*. Trad. Juan Luis López Cruces, Javier Campos Daroca y Miguel Ángel Márquez Guerrero. Madrid: Ed. Gredos, 2005.

⁵⁷ SALLES, Lucio Lauro Barrozo Massafferi; DA SILVA GONÇALVES, Evaldo. Alcidamante: Sobre os que escrevem discursos escritos. (Trad.) *Anais de Filosofia Clássica*, v. 10, n. 20, p. 111.

privadas?⁵⁸

É possível que Alcídamente tenha herdado essa tese do contato com Górgias: o próprio Platão, no diálogo *Górgias*, descreve no diálogo entre Cálicles, Sócrates e Querofonte essa tentativa do orador em sempre responder ao que for perguntado. Diz Cálicles em relação a Górgias:

Nada como indagá-lo, Sócrates! Aliás, esse era um dos pontos de sua exibição: há pouco mandou aos presentes que lhes perguntassem o que desejassem, e afirmou que responderia a todas as perguntas.⁵⁹

Há de se perceber o teor sofisticado da tese da improvisação, pois, como falar sobre qualquer coisa sem devido conhecimento ou preparação prévia? Parece que perante o objetivo do convencimento, esta habilidade era realmente fundamental no exercício e na caracterização do perfil de um sofista, sendo assim, Pausânias faz questão de reclamá-la para si depois de um discurso bastante rebuscado, todavia, com teor convincente pela riqueza de detalhes, fontes argumentativas e apelo ao interesse e opinião popular. Um discurso elaborado com todas essas técnicas, necessitava de uma “cereja para o bolo” e Pausânias atribuiu toda sua fala a um ato de improviso, o que daria muito mais peso à uma fala na tentativa do convencimento. Em relação à tradição sofisticada, Pausânias, portanto, traz para dentro de sua fala, uma possível influência da tese de Alcídamente sobre a improvisação no discurso.

Considerações finais

O amor (*Erōs*) apresentado na perspectiva sofisticada de Pausânias é carregado de um juízo de valor, um conteúdo moralista entre o certo e o errado, o digno e o indigno que muitas vezes perfaz a vida e as relações humanas. Somos levados, quase que “pausanicamente” a considerar certas

⁵⁸ Id. p.111.

⁵⁹ *Górg* 447c Trad. de Daniel R.N. Lopes, 2011.

formas de amor como as corretas ou como incorretas, derivando essas considerações muitas vezes de teses não seguras, ou de experiências que são muito individuais e particulares. Pausânias tenta convencer que a sua forma de amar é a correta, nós também o fazemos por vezes, utilizamos todo tipo de recurso para justificar nossa forma de amar e sempre apontamos que a forma do outro amar é sempre a incorreta. Pausânias tenta corrigir Fedro, em sua maneira de falar sobre o amor, nós também o fazemos jogando que nossas experiências individuais são os únicos parâmetros para o nosso juízo de valor, esquecendo-nos da diversidade das experiências dos outros. Cada um tem a sua forma de amar, suas experiências e orientações práticas para isso. Um possível erro de Pausânias, apesar de referir-se à uma cultura diferente da nossa, foi considerar que apenas aquele tipo de amor, se é que de fato existem tipos, deveria ser promovido em detrimento do outro. Será que de fato existe uma forma mais nobre de amar ou nós convencionalmente fazemos essa construção teórica em torno do conceito de amor? Pausânias parece desconsiderar, diante de sua tremenda pretensão de definir um amor modelo e diante do fato de se colocar como medida para o julgamento e direcionamento moral das regras do amor, das outras formas e direcionamentos do amor que envolvem o ser humano. É possível, que por vezes, repetimos o mesmo erro.

No *Simpósio*, os discursos sobre *Erōs* carregam, de fato, uma experiência vivida e relatada por cada uma das personagens. Sobre o amor, ninguém fala *a priori*, mas a partir de sua arte, de sua vivência, de seu modo de encarar a coisas. Pausânias representa então a escola sofisticada e em um longo discurso tenta convencer aos demais não apenas sobre a sua verdade sobre *Erōs* mas à sua própria forma de vivê-lo (pederastia). A fala de Pausânias é interessante porque não se dirige somente como encômio a *Erōs* mais é sobre sua própria vida que ele fala. Pausânias assume o lugar do homem medida (*mensura*) para o julgamento que ele faz.

As influências das teses sofistas marcam decisivamente a fala de

Pausânias e direcionam sua argumentação em prol da defesa de uma maneira particular de viver o amor, a pederastia. Quanto a isso, o amor masculino é considerado e defendido por ele como superior e correto, virtuoso e benéfico para polis, justamente por ser dirigido para uma intelectualidade da qual a mulher não participava. Quando recorre às diversas legislações de algumas cidades estabelece que a forma de amor que ele próprio vive é uma referência e sinal de maturidade intelectual.

Um elemento comum aos diversos estudos sobre o perfil e a atividade de Pausânias no contexto histórico em que está inserido o banquete é o fato de que ele seria ligado aos sofistas, ou até mesmo que seria um deles. Uma outra hipótese é que Platão tenha escolhido Pausânias como representante da visão sofista, e as influências encontradas na sua fala sejam, na verdade, um jogo estilístico do Platão para centralizar na personagem mais próxima dos sofistas um discurso bastante elaborado e de conteúdo sofisticado. A presença de Pausânias pode ser encarada, portanto, como a mais refinada crítica de Platão aos principais sofistas da época, o que justifica sua presença no *Simpósio* entre as autoridades gregas que discursam sobre o amor.

O discurso de Pausânias é, portanto, um campo útil para entendimento e aprofundamento das teses e do movimento sofista, bem como para a apreciação de alguns sofistas não tão citados na literatura tal como é o caso de Alcidas. Sendo assim, o *Simpósio* reforça sua importância como obra filosófica que reúne a apreciação de diversos entendimentos do mundo antigo sob a ótica, a crítica e a sátira de Platão.

É interessante destacar que, ainda que o sofista Górgias não apareça diretamente na fala de Pausânias no *Simpósio*, podemos afirmar, sem esforço, que a tese do poder da palavra diante da inexistência de uma verdade absoluta, resume a proposta da intenção de Pausânias em reunir ou pelo menos representar a reunião de teses de inspiração sofista afim de fazer prevalecer a sua opinião. A tese da disponibilidade da palavra para tudo, parece-nos uma premissa fundamental para a supervalorização do discurso feita por Pausânias.

Após a fala de Pausânias, Apolodoro, narrador do banquete platônico, se dirige a ele com uma ironia peculiar diante do jogo que o próprio Pausânias tinha demonstrado com as palavras. Diz Apolodoro: “Havendo Pausânias pausado⁶⁰, como vedes, eu também aprendi com os sábios a brincar com as palavras (...)”⁶¹ O discurso de Pausânias, ironiza Apolodoro antes de passar a palavra para o próximo a discursar, chega a ensinar (διδάσκουσι) a falar da mesma forma, a isologar⁶², falar igual, a fazer trocadilhos. O jogo de palavras é tão constante que chega a ser contagiante. É uma fala exageradamente repetitiva. Apolodoro pode representar uma crítica ao exagero de figuras retóricas utilizadas por Pausânias na sua fala. Sendo assim, é possível chegarmos à conclusão de que, de fato, Pausânias, “*aquele que faz cessar a dor*” representa uma figura emblemática da Retórica no *Simpósio*. O estudo deste discurso possibilita um encontro com uma diversidade de teses sofistas que fazem parte desse importante movimento da Filosofia antiga.

⁶⁰ *Symp.* 185c Πανσανίου δὲ παυσασμένου.

⁶¹ *Symp.* 185c.

⁶² A expressão é ἴσα λέγειν *Symp.* (185c).

Referências Bibliográficas

- ALCIDAMANTE DE ELEA. Testimonios y Fragmentos. Trad. Juan Luis López Cruces, Javier Campos Daroca y Miguel Ángel Márquez Guerrero. Madrid: Ed. Gredos, 2005.
- ARISTÓTELES. Retórica. Trad. Quintín Racionero. Madrid: Ed. Gredos, 1994.
- BOLEN, Jean Shinoda. As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres. Paulus, 1990.
- BRAZIL, Vicente. Pausânias no Banquete de Platão: Encômio ao Eros sofístico. Kalagatos: Revista de Filosofia, v. 14, n. 1, p. 5-22, 2017.
- BROCHARD, Victor. “Sobre el Banquete de Platón.” En Estudios sobre Sócrates y Platón. Buenos Aires. 1940
- CASSIN, B. O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira; Maria Cristina Franco Ferraz; Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- CORRIGAN, K.& E. G. Plato’s Dialectic at Play: Argument, Structure, and Myth in Plato’s Symposium. Pennsylvania State University Press, 2005.
- DARDÓN, Lucía Lopez de. Retórica en el Banquete de Platón: el discurso de Pausanias y la utilidad del éros persuasivo. In: VI Coloquio Internacional del Centro de Estudios Helénicos (La Plata, 2012). 2012.
- FRANCALANCI, Carla. Amor, Discurso, Verdade – Uma interpretação do symposium de Platão. Vitória: Edufes, 2005.
- FRITZ, John H. Plato and the Elements of Dialogue. Lexington Books, 2015.
- HESÍODO. Teogonia; Trabalhos e dias. Tradução de Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- HOMERO. Ilíada. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- _____. Odisseia. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 1996.
- KERFERD, G. B. O movimento sofista. Tradução: Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- LACAN, Jacques. O seminário. Livro 8. A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- NAILS, Debra. The people of Plato: a prosopography of Plato and other

- Socratics. Hackett Publishing, 2002.
- NIENKAMP, Jean, ed. Plato on rhetoric and language: Four key dialogues. Psychology Press, 1999.
- PAVIANI, Jayme. Eros, Desejo e Bem em O Banquete de Platão. Caxias do Sul, Educs, 2015.
- PLATÃO. O Banquete. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2011.
- _____. Teeteto. Trad. Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2008.
- _____. Fedro. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2011.
- _____. Górgias. Trad. de Daniel R.N. Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- PEREIRA, S. J. Isidro. Dicionário Grego-Português e Português-Grego. Porto, Portugal: Livraria Apostolado da Imprensa, 1976.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia. São Paulo: Paulus, 1990.
- ROJAS, Lorena. De la divinidad de lo oculto. Pausanias en el Banquete de Platón. ARETE. Revista de Filosofía Vol. XVI, Nº 2, 2004
- SALLES, Lucio Lauro Barrozo Massafferrri; DA SILVA GONÇALVES, Evaldo. Alciamante: Sobre os que escrevem discursos escritos. Anais de Filosofia Clássica, v. 10, n. 20, p. 110-122. <https://doi.org/10.47661/afcl.v10i20.5507>.
- SCHIAPPA, Edward. Protagoras and logos: A study in Greek philosophy and rhetoric. Univ. of South Carolina Press, 2013.
- SCHÜLLER, Donald. Eros: dialética e retórica. 2ª ed. São Paulo. Edusp, 2001.
- _____. Convivas do banquete. PLATÃO. O Banquete. Trad. Donald Schüller. Porto Alegre: LP&M, p. 145-167, 2009. p. 148
- SZLEZÁK, T. A. Platão e a Escritura da Filosofia. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.
- TRABATTONI, Franco. Oralidade e escrita em Platão. Discurso Editorial, 2003.
- UNTERSTEINER, Mario. A obra dos sofistas: uma interpretação filosófica. São Paulo: Paulus, 2012.
- YUNIS, Harvey. Eros in Plato's "Phaedrus" and the Shape of Greek Rhetoric. Arion: A Journal of Humanities and the Classics, v. 13, n. 1, p. 101-126, 2005.